Relação entre a qualidade da vinculação aos pais e pares e comportamentos assertivos em adolescentes.

Ana Amado Matos de Oliveira Braga

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof.ª Doutora Paula Vagos

Outubro, 2018

DPE | UPT UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Ana Braga

Relação entre a qualidade da vinculação aos pais e pares e comportamentos assertivos em adolescentes.

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Prof.ª Doutora Paula Vagos

Departamento de Psicologia e Educação

Outubro, 2018

DPE | UPT UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Agradecimentos

Chega finalmente o momento culminante de todo o percurso que percorri. Um processo que pareceu demorado mas que gostaria que se tornasse eterno. Foi árduo mas gratificante, fez-me crescer enquanto pessoa e como futura profissional.

Fica agora uma eterna saudade. Guardarei em mim cada memória, cada momento, cada aprendizagem e se este percurso foi tão especial, devo agradecer a algumas pessoas:

Ao meu Pai, que sem ele, este sonho nunca poderia ter sido cumprido, que foi a pessoa que me deu tudo.

Aos meus avós e à Tita, pela presença constante na minha vida e todo o auxílio.

À minha orientadora, Prof. Doutora Paula Vagos, por toda a dedicação e empenho a que se prestou ao longo do meu percurso.

Ao André, por me ouvir e apoiar sempre, principalmente quando duvido das minhas próprias capacidades.

À Bela, pela linda amizade que construímos ao longo dos anos e por ter sido a minha parceira de vida académica.

Aos meus amigos mais chegados, com quem partilhei momentos inesquecíveis que vou relembrar com saudade.

À vida académica, que me permitiu vivências e experiências para a vida.

RESUMO

O presente estudo visa estudar o impacto da qualidade da vinculação a figuras significativas na adolescência sobre a prática de assertividade. A assertividade é uma competência social, definida como uma resposta comportamental empática que promove trocas interpessoais, que tem sido associada aos estilos de vinculação na infância.

Para fazer face aos objetivos do estudo, recorreu-se a uma amostra de 364 participantes, alunos do 3º ciclo e ensino secundário, sendo que 62,1% são do sexo feminino e 37,9% do sexo masculino, com uma média de idades de 16.44 anos. Como instrumentos foram utilizados um Questionário Sociodemográfico, a Escala de Comportamento Interpessoal versão reduzida e o Inventário de Vinculação na Adolescência.

Os resultados obtidos não foram na direcção que era expectável, sendo que apresentaram a vinculação às figuras significativas como não sendo estatisticamente significativa. Os mesmos direccionam-nos para a assertividade enquanto principal preditora da sua prática, uma vez que os sujeitos ao praticarem comportamentos assertivos irão obter respostas satisfatórias nas suas trocas interpessoais, o que potenciará por sua vez a manutenção da prática de assertividade.

Palavras-chave: Vinculação; Adolescência; Assertividade.

ABSTRACT

The present investigation aims to study the impact of quality of attachment to significant figures in adolescence about the practice of assertiveness. Assertiveness is a social competence, defined as an empathic behavioral response that promotes interpersonal exchanges, which has been associated with attachment styles in childhood. To meet the objetives of the study was used a sample of 364 participants (M= 16.44 years), 62,1% of female gender, students of the 3rd cycle and secundary education. As instruments were used a Sociodemographic Questionnaire, the Scale of Interpersonal Behavior reduced version and the Inventory of Parent and Peer Attachment.

The results obtained were not in the direction that was expected, and they showed the linkage to the significant figures as not being statistically significant. They direct us to assertiveness as the main predictor of their practice, since subjects practicing assertive behaviors will obtain satisfactory answers in their interpersonal exchanges, which instead will enhance the practice of assertiveness.

Keywords: Attachment; Adolescence; Assertiveness.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

MÉTODO 14

Participantes 14

Instrumentos 15

PROCEDIMENTO 17

Amostragem 17

Análise de Dados 18

RESULTADOS 19

Análise Preliminar 19

Estudo Longitudinal 20

DISCUSSÃO DE RESULTADOS 26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 31

ANEXOS 41

Anexo 1. Medidas de assimetria e curtose e testes de normalidade para as variáveis em estudo 42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Medidas descritivas e de consistência interna do Momento 1 e do Momento 2 17

Tabela 2. Correlações entre as variáveis do Momento 1 com o Momento 2. 20

Tabela 3. Variável Assertividade Negativa 2º momento como variável dependente..... 21

Tabela 4. Variável Expressão de Limitações Pessoais 2º momento como variável dependente. 23

Tabela 5. Variável Iniciativa 2º momento como variável dependente. 24

Tabela 6. Variável Assertividade Positiva 2º momento como variável dependente. 25

INTRODUÇÃO

A vinculação carateriza-se por um laço emocional com outro significativo que é percepcionado como uma fonte e base segura a partir da qual o sujeito explora o mundo (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Existe uma predisposição no ser humano para criar relações de vinculação ao longo da vida, sendo a relação parental considerada a principal e que pode afetar outras relações na adolescência, como relações amorosas e amizades (Bowlby, 1969).

As experiências precoces de vinculação são integradas pelo sujeito como modelos internos dinâmicos que o sujeito desenvolve de si e do seu comportamento, bem como dos outros e do mundo (Bowlby, 1988). A complexificação destes modelos tende a aumentar com a idade, e estes servem como padrão para futuras relações. Estes modelos são formados nos primeiros meses de vida, refletem a história das interacções com as figuras cuidadoras e englobam conhecimentos, expectativas e representações sobre a responsividade e acessibilidade dessas figuras, e acerca do sujeito enquanto capaz de influenciar estas características da figura cuidadora. Por exemplo, dessa história de interacções podem resultar vinculações seguras ou inseguras, sendo que numa vinculação segura as crianças exploram o meio, sentem-se seguras e as mães são mais responsivas às suas necessidades, disponíveis, cooperantes e carinhosas. Dessas interações podem também resultar, em alternativa, vinculações inseguras, que podem ser evitantes ou ambivalentes; no primeiro caso, a criança explora o meio, permanece mais ou menos indiferente à proximidade da mãe e na ausência desta, se ficar perturbada, é provável que outras pessoas a consigam reconfortar, enquanto que no segundo, a criança permanece próxima da mãe, com ansiedade e explora pouco o meio (Machado, 2009). Acresce dizer que estes modelos internos não são estruturas estáticas

e podem ser alteradas devido a transições de vida e a mudanças na sensibilidade e disponibilidade das figuras de vinculação (Waters & Cummings, 2000).

Armsden e Greenberg (1987), debruçaram-se particularmente sobre a vinculação na adolescência, ao que avançam com três dimensões essenciais que a compõem: a confiança, a comunicação e a alienação. A confiança refere-se a um sentimento de segurança e responsividade por parte dos outros perante as necessidades emocionais do adolescente; a comunicação encontra-se relacionada com a extensão e qualidade de comunicação verbal com as figuras de vinculação. Por último, a alienação carateriza-se pela raiva sentida ou distanciamento das figuras de vinculação. A qualidade da vinculação a figuras significativas é, de acordo com este modelo, baseada na conjugação de elevados níveis de confiança e comunicação e baixos níveis de alienação.

A adolescência é um período de transição entre a vinculação de infância, maioritariamente junto às figuras parentais, e a vinculação adulta, dirigida a figuras exteriores ao contexto familiar, passando a vinculação a ser equitativa, uma vez que os progenitores são substituídos por um par que se torna a figura de vinculação (Colin, 1996). A relação com os pais é importante ao longo de todo o desenvolvimento, mas a relação com os pares ganha relevo ao longo da adolescência (Buhrmester, 1996). Ainda que ocorra esta reorganização na vinculação, muitos adolescentes preservam os pais como figuras de reserva e procuram o seu suporte em situações de distress (West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller, & Adam, 1998); os pares representam uma nova, mas não única fonte de vinculação, à medida que o adolescente começa a ver as amizades como mais íntimas e de suporte (Berndt & Perry, 1990). A relação com os pares fornece apoio acrescido (Hartup, 1996), que pode ser de diferentes níveis: partilha de sentimentos, informação, opiniões, instrumental, de companhia, realização de atividades em conjunto. O providenciar destes diferentes tipos de apoio, permite a criação de um

sentimento de estima e de pertença a um grupo, potenciando o desempenho do adolescente, uma vez que este valoriza as interacções com os amigos (Berndt, 1996). A relação com os pares apresenta ainda um papel relevante no desenvolvimento e na prática de competências sociais, entre elas, assertivas (Erwin, 2002; Eskin, 2003).

O conceito de competência social encontra-se relacionado com o desempenho na emissão de um conjunto de habilidades sociais nas situações vividas, sendo que habilidades sociais é o conjunto de comportamentos que um sujeito pratica numa situação interpessoal, e que na qual manifestam apropriadamente sentimentos, atitudes, desejos, opiniões, direitos (Caballo, 1998). Dentro das habilidades sociais, as assertivas são as que estão mais relacionadas com as crenças e noções do mundo social, a justiça, o direito de acesso aos bens e relações equilibradas (Del Prette & Del Prette, 2003). A assertividade insere-se atualmente na categoria de competência social e é composta por aptidões sociais, cognitivas e emocionais indispensáveis à adaptação social do sujeito (Del Prette & Del Prette, 1999; Vagos, 2006). A assertividade é referente a uma predisposição individual do sujeito que pode ser moldada pela aprendizagem social através de interacções precoces significativas (Del Prette & Del Prette, 1999; Jardim & Pereira, 2006). Para Azevedo (1996, pág. 23), é um comportamento comunicacional que "permite ao comunicador afirmar as suas opiniões, vontades e sentimentos próprios e simultaneamente respeitar e promover as opiniões, vontades e sentimentos dos interlocutores" e associa-se à capacidade de analisar as exigências e circunstâncias da situação permitindo a facilitação de uma resposta adequada (Spence, 2003).

Os sujeitos assertivos têm tendência para possuírem uma auto-estima favorável, auto-confiança, confiança nas suas convicções, adaptabilidade, auto-controlo, energia, sociabilidade, tolerância à frustração, determinação, persistência, empreendedorismo e interesse pela opinião dos outros (Castanyer, 2005; Martins, 2005). Demonstram

preocupação, tentam compreender o ponto de vista dos outros, são empáticos e capazes de se adequar ao ponto de vista dos outros sem comprometer a sua autenticidade (Martins, 2005; Park & Yang, 2006). Como resposta humana integrada, a assertividade relaciona-se com três domínios do funcionamento psicológico (Azais, Granger, Debray, & Ducroix, 1999) ou três dimensões distintas: baixo nível de ansiedade interpessoal (Moore, Hudson, & Smith, 2007), comportamento verbal e não verbal congruente (Castanyer, 2005) e crenças e pensamentos automáticos positivos sobre si próprio e sobre a interacção social (Bruch, Kaflowitz, & Berger, 1988). A dimensão comportamental da assertividade é caraterizada pelo conjunto de respostas verbais e não verbais expressas simultaneamente (Vagos, 2006), sendo que uma resposta comportamental assertiva se define pela consistência entre ambas as características comportamentais (Vagos, Pereira, & Arrindell, 2014).

As respostas comportamentais encontram-se ligadas a vários domínios sociais em que o sujeito se enquadra, como a expressão de sentimentos positivos (assertividade positiva) e negativos (assertividade negativa), tomada de iniciativa (assertividade de iniciativa), reconhecimento e gestão de limitações pessoais e liderança (Arrindell & Van der Ende, 1985). A assertividade positiva é referente à expressão de sentimentos positivos como o agrado, a satisfação, o afeto, dar e receber elogios (Rakus, 1991). A assertividade negativa engloba a defesa dos próprios direitos, pedidos de mudança de comportamento incomodativo no outro, recusa de pedidos irrazoáveis e iniciativa na resolução de problemas. Já na gestão de limitações pessoais, o sujeito reconhece as suas falhas e dificuldades, gere o criticismo e a pressão social e pede ajuda quando necessário (Arrindell, Sanderman, & Ranchor, 1990). A assertividade de iniciativa engloba apresentar-se, iniciar uma conversa com um estranho e expressar a sua opinião pessoal (Santos, 2015).

Enquanto competência social, a assertividade tem sido associada aos estilos de vinculação na infância, tendo sido argumentado por Sroufe e Waters (1977) que as vinculações precoces de qualidade podem estar relacionadas com diferentes padrões de organização comportamental. Por um lado, existe a evidência de que a presença de uma figura de vinculação rejeitante se encontra associada ao não desenvolvimento de um traço de personalidade assertivo (Noftle & Shaver, 2006).

Num estudo com adolescentes institucionalizados verificou-se que a qualidade da relação com os funcionários da escola e professores previu a qualidade da relação com os pares e teve um efeito indireto no desenvolvimento da assertividade, ou seja, quanto maior a qualidade da vinculação, maior a assertividade. (Mota & Matos, 2010). Por outro lado, Sroufe e Waters (1977) propuseram que as relações de vinculação são a base para o funcionamento adaptativo posterior, ou seja, uma vinculação adaptativa e segura num primeiro momento será a base para uma relação de qualidade semelhante num segundo momento. Em consonância com esta assunção, estudos constataram que crianças com uma vinculação segura apresentam maior competência entre pares (Easterbrooks & Lamb, 1979; Waters, Wippman, & Sroufe, 1979), maior ajustamento emocional (Sroufe, 1983) e maior capacidade de desenvolvimento de competências sociais adequadas para a iniciação e manutenção de relações satisfatórias, recíprocas e próximas com amigos e parceiros românticos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001).

Já com adolescentes e jovens adultos, existe evidência de que aqueles que referem relações de vinculação seguras e confiáveis com os pais relatam níveis mais altos de competência social (Rice, 1990). Um outro estudo de Parke e Buriel (2008), revelou que níveis mais baixos de ansiedade e uma maior prática de respostas assertivas em situações sociais estão associados a estilos parentais flexíveis e estimulantes de

autonomia, independência, conhecimento, partilha e expressão de afeto. O mesmo estudo verificou que adolescentes que mantém relações pautadas pelo suporte e amor incondicionais desenvolvem representações de si e dos outros mais favoráveis, o que pode potenciar a aquisição adequada de autonomia, controlo interno e vivência de sentimentos de segurança, autoestima e autoconfiança, evidenciando uma maior assertividade (Parke & Buriel, 2008). Também Faria (2008), propõe que laços emocionais seguros e um adequado sentimento de ansiedade de separação se associam positivamente com a aquisição de assertividade. Mais recentemente, o trabalho de Agarwal e Poojitha (2017) permitiu constatar que adolescentes com uma vinculação de maior qualidade à mãe são mais assertivos comparativamente com adolescentes que apresentam uma vinculação de maior qualidade com os pares ou com o pai. Igualmente, num estudo de Nunes e Mota (2017), verificou-se que quanto maior a qualidade do laço emocional ao pai e à mãe, maior a assertividade e que quanto maior a inibição da exploração e individualidade por parte das figuras parentais, menor a assertividade.

Apenas um estudo de que tenhamos conhecimento considerou as várias dimensões da vinculação como propostas para a adolescência em particular. Schneider e Younger (1996) avaliaram a vinculação aos pais, mães e pares com base na confiança, comunicação e alienação. Relativamente à mãe, foi obtida apenas uma correlação significativa entre a alienação e a gestão de conflitos/limitações pessoais. No que diz respeito ao pai, foi encontrada uma correlação significativa positiva entre a confiança e a assertividade de iniciativa. Tal indica que, quanto maior a confiança maior a assertividade de iniciativa. Na subescala alienação, as correlações encontradas foram significativas negativas para as diferentes dimensões. Estes resultados indicam que a alienação dos pais apresenta um impacto mais forte nas relações dos adolescentes com os pares do que os aspectos positivos da vinculação.

Assim, apesar de várias pesquisas terem vindo a comprovar o contributo da vinculação aos pais e pares no ajustamento dos adolescentes, continua a deter-se pouco conhecimento acerca das suas características e utilidade na adolescência, fase em que as crianças se tornam menos dependentes dos pais (Scott, Briskman, Woolgar, Humanyun, & Connor, 2011), algo que este estudo se propõe estudar. De igual modo, constatou-se a existência de escassez de estudos que considerem simultaneamente a presença de diferentes figuras de vinculação, tendo a maioria dos estudos sido focada sobre as mães (e não tanto sobre os pais ou pares) enquanto principais figuras de vinculação.

O objetivo deste estudo é estudar o impacto da vinculação aos pais e pares sobre os comportamentos assertivos em adolescentes, utilizando um desenho longitudinal a quatro meses. Como objetivos específicos pretende-se: 1) estudar a estabilidade da qualidade da vinculação aos pares e pais e da assertividade ao longo de um período de quatro meses; 2) estudar o poder preditivo da vinculação a cada uma das figuras significativas sobre a assertividade praticada em vários contextos que foram avaliados ao longo de um período de quatro meses.

De acordo com a literatura prevê-se que vinculações de maior qualidade sejam preditoras de uma maior prática de comportamentos assertivos. Prevê-se ainda que vinculações de maior qualidade à mãe predigam uma maior prática de comportamentos assertivos do que vinculações de maior qualidade ao pai ou aos pares.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 364 participantes, alunos do 3º ciclo e do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos (M=16.44; DP=1.51), de ambos os sexos. Da totalidade dos participantes, 226 são do sexo feminino (que corresponde a 62,1% da amostra) e 138 participantes do sexo masculino (37,9%). Quanto ao ano de escolaridade, 35 participantes (9,6%) frequentam o 9ºano, 118 participantes (32,4%) frequentam o 10ºano, 106 o 11ºano (29,1%) e 105 participantes frequentam o 12ºano (28,8%).

Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas na média das idades de rapazes e raparigas, sendo a média de idades semelhante entre ambos os sexos (o sexo feminino apresentou uma média de idades de 16.49 anos e o sexo masculino de 16.35 anos), t(362,283)=.33, p=.38.

Com recurso ao Teste do Qui-Quadrado, pôde ser verificado que não existem diferenças estatisticamente signficativas ao nível da distribuição de participantes de ambos os sexos por ano de escolaridade, $\chi 2$ (3)=5.33, p= .149.. Relativamente às taxas de reprovação, 98 participantes reprovaram pelo menos uma vez (26,9% da amostra total), e com recurso ao Teste do Qui-Quadrado verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente ao sexo dos participantes no que refere às reprovações, $\chi 2$ (1)=2.03, p= .154.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Foi aplicado um questionário sociodemográfico para recolher informações como a idade, o sexo, o ano de escolaridade, o número de repetições de ano (caso as haja), a idade, a escolaridade dos pais e respetiva profissão.

Escala de Comportamento Interpessoal versão reduzida (ECI-r; Vagos, Pereira, & Arrindell, 2014)

É constituída por 25 itens que são analisados em função de duas escalas de resposta, sendo a primeira referente ao desconforto e tensão sentida ao ser assertivo e a segunda relativa à frequência da prática de comportamentos assertivos. É de referir que no presente trabalho foi tida em conta apenas a medida comportamental, à qual o respondente deve responder utilizando uma escala de tipo *likert,* com 5 pontos (sendo que 1= Nunca e 5= Sempre); resultados mais elevados indicam maior prática de comportamentos assertivos, revelando maior competência assertiva. Este instrumento engloba quatro domínios sociais em quatro subescalas, a saber, expressão de sentimentos negativos (e.g. *Pedir a uma pessoa que pare de fazer algo que te aborrece*), reconhecimento e gestão de limitações pessoais (e.g. *Pedir a alguém que te indique o caminho)*, tomada de iniciativa em situações sociais (e.g. *Aproximares-te de alguém para te apresentares)* e assertividade positiva (e.g. *Dizer a alguém que gostas dele/dela).*

A (ECI-r) foi validada para utilização com adolescentes portugueses por Vagos, Pereira e Arrindell (2014) e apresentou índices de consistência interna adequados (*alpha de Cronbach* que vão de .68 a .94). A validade de constructo da escala foi confirmada em relação à Escala de Assertividade de Rathus. De igual modo, foi possível confirmar

uma estrutura de quatro factores ou dimensões de assertividade como estando subjacentes aos resultados quer da escala de desconforto/tensão quer da escala de frequência de comportamento (*alpha de Cronbach* da amostra). Os *alphas de Cronbach* obtidos neste estudo foram considerados aceitáveis, sendo que no 1º momento a sua variação foi entre .60 e .69, e no 2º momento entre .59 e .72.

Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA; Neves, Soares, & Silva, 1999)

O IPPA é a versão adaptada por Neves, Soares e Silva (1999) do Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) de Armsden e Greenberg (1987). Pretende avaliar a qualidade da vinculação do adolescente aos pais e aos pares ao nível das dimensões comportamentais, afetivas e cognitivas e é composto por 75 itens distribuídos equitativamente pela figura materna, figura paterna e amigos.

A adaptação para a língua portuguesa foi realizada com recurso a uma amostra de jovens do ensino secundário. Através da análise factorial exploratória foram encontrados 3 factores que explicam 77,3% da variância total. Os factores encontrados são referentes à vinculação à mãe, vinculação ao pai e vinculação aos amigos. Ainda que na versão original do IPPA tenham sido identificadas outras dimensões (confiança, alienação e comunicação) associadas à vinculação a cada uma das figuras em análise, tal não sucedeu na versão portuguesa.

Os valores de *alpha de Cronbach* encontrados na versão portuguesa questão foram bastante satisfatórios (variando de .92 a .95), o que indica bons índices de consistência interna. Já no presemte estudo, foram também obtidos excelentes valores de *alpha de Cronbach* (no 1º momento o *alpha* variou entre .91 e .96, e no 2º momento entre .92 e .96), o que indicou níveis de consistência interna bastante satisfatórios (Tabela 1).

Tabela 1. *Medidas descritivas e de consistência interna do Momento 1 e do Momento 2*

	Momento 1			Momento 2		
	α	M	DP	α	M	DP
Vinculação à mãe	.95	81,06	18,03	.95	80,1	18,3
Vinculação ao pai	.96	74,1	20,6	.96	74,4	21
Vinculação aos amigos	.91	73,4	12,5	.92	69,5	11,3
Assertividade Negativa	.60	60,9	10,3	.63	60,3	10,7
Expressão de Limitações Pessoais	.66	59,4	10,4	.72	59,8	11,2
Iniciativa	.67	61,8	10,1	.71	61,7	10,6
Assertividade Positiva	.69	62,2	10	.59	62,4	10,5

Procedimento

Amostragem

A amostra foi de conveniência geográfica (i.e., distrito do Porto), para que a recolha de dados fosse mais facilitada.

Os critérios de inclusão foram: frequentar o 3º ciclo ou o ensino secundário em escolas públicas portuguesas, ter o consentimento informado dos pais e o assentimento informado dos próprios participantes.

Inicialmente foi contactado o representante do Ministério da Educação para que este autorizasse uma investigação a realizar em contexto escolar, sendo que posteriormente foram contactadas as escolas onde o estudo foi realizado para obter a autorização de recolha de dados em dois momentos diferentes.

Após obtida a autorização das escolas foi requerido junto dos pais dos alunos a sua autorização para que estes pudessem participar no estudo; foi igualmente pedido assentimento verbal aos próprios participantes para a sua inclusão neste estudo.

A informação foi recolhida em contexto de sala de aula em tempo cedido pelos professores. Os alunos receberam instruções acerca do preenchimento dos instrumentos e do objetivo geral do estudo. Foi referido ainda o carácter voluntário da participação neste estudo e o anonimato e a confidencialidade dos dados foram assegurados, ainda que fosse necessário recolher alguns dados pessoais acerca dos participantes (ano, turma, número de aluno), que apenas foram utilizados para associar os dados da primeira e da segunda recolha. A primeira e segunda aplicação decorreram com uma separação de sensivelmente 4 meses.

Análise de Dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), em concreto por recurso a: comparação de médias entre os dois momentos do estudo; correlação entre resultados do primeiro e do segundo momento; regressão múltipla hierárquica por blocos, tendo como variáveis independentes a vinculação à mãe, ao pai e aos pares e como variáveis dependentes as várias dimensões de comportamentos assertivos em análises.

Nos blocos 1 e 2 foram introduzidas as variáveis recolhidas no primeiro e segundo momento respetivamente relativas ao comportamento assertivo, uma vez que estudos anteriores revelam a correlação e o poder explicativo das várias dimensões de assertividade sobre elas próprias (Vagos, Pereira, & Arrindell, 2014; Vagos & Pereira, 2018). Foi utilizado o método enter, sendo que apenas as variáveis que apresentam um

peso significativo foram incluídas numa análise posterior que englobou mais dois blocos, o 3 e o 4. Nos blocos 3 e 4 foram colocadas as variáveis relativas à vinculação no primeiro e segundo momento, de forma a perceber o impacto da vinculação na assertividade, de acordo com as hipóteses do presente estudo, e controlando o impacto das variáveis de assertividade previamente introduzidas nos blocos 1 e 2.

Resultados

Análise Preliminar

Para determinar a utilização de testes paramétricos ou testes não paramétricos neste estudo, procedeu-se à análise da distribuição dos dados para cada uma das variáveis estudadas. Foram realizados testes de normalidade dos dados, sendo que os resultados indicam que para a maioria das variáveis em estudo, os dados não seguem a distribuição normal. Por isso, foram utilizados testes não paramétricos (Anexo 1).

A estabilidade temporal verificou-se através da comparação de médias entre os dois momentos, sendo que para o momento tal a média foi maior/menor (Tabela 1). Foram ainda realizadas correlações entre as variáveis no 1º e 2º momento (Tabela 2). Dado que estas se revelaram significativas, foram realizadas posteriormente regressões.

Tabela 2. *Correlações entre as variáveis do Momento 1 com o Momento 2.*

	Momento 2						
	1	2	3	4	5	6	7
Momento1							
1)Mãe	.86**	.46**	.32**	.27**	.22**	.23*	.22**
2) Pai	.48**	.82**	.28**	.24**	.17**	.21**	.19**
3) Amigos	.26**	.18**	.67**	.30**	.26**	.23**	.23**
4) Assertividade Negativa	.31**	.29**	.39**	.58**	.50**	.53**	.56**
5) Assertividade Positiva	.22**	.23**	.33**	.56**	.55**	.52**	.57**
6) Iniciativa	.24**	.23**	.35**	.56**	.52**	.56**	.57**
7) Expressão de limitações pessoais	.23**	.26**	.34**	.57**	.53**	.55**	.60**

*** p= 0,001 ** p< 0,01, * p< 0,005, ns p> 0,05

Estudo longitudinal

Tendo como variável dependente a *Assertividade Negativa* (2º momento), e através do Bloco 1 pode ser constatado que as variáveis *Assertividade Positiva, Assertividade Negativa, Expressão de Limitações Pessoais* e *Iniciativa* (1º momento) permitem explicar de forma estatisticamente significativa, 36% da variância da variável dependente, r^2=.36; F(4, 176)= 24.65, p<.001] (Tabela 3).

As mesmas variáveis referentes às dimensões da assertividade recolhidas no 2º momento do estudo (Bloco 2), acrescem a variância explicada para os 56%, sendo esta diferença estatisticamente significativa, (alteração r^2=.56; F(7,176)= 427.07, p<.001.

Em concreto, nesta mudança, com o acréscimo das variáveis referentes à assertividade no 2º momento, todas as variáveis presentes no Bloco 2 se mostraram estatisticamente significativas, exceto duas: *Expressão de limitações pessoais* (1º momento) (B=-.070; p=.363) e *Assertividade Positiva* (1º momento) (B=-.061; p=.440).

Como se pode constatar na Tabela 3, no Bloco 3, através da análise das variáveis relativas à vinculação no 1º momento, estas não acrescem significativamente à variância explicada, (alteração r ²= .002; F=(10, 176)= 1.81, p=.147). No Bloco 4, foram introduzidas as variáveis do 2º momento relativas à vinculação, que mais uma vez não acresceram de forma significativa à variância explicada pelas variáveis incluídas nos blocos 1 a 3 (alteração r ²= .003; F= (13, 176)= 2.26, p=.083).

Tabela 3. *Variável Assertividade Negativa 2º momento como variável dependente.*

	B	Erro Padrão	R Square Change
Bloco 1			
Iniciativa	-0.24	.08	
Assertividade Negativa	.42	.07	
Assertividade Positiva	-.061	.08	
Expressão de L. Pessoais	-.07	.08	.36
Bloco 2			
Assertividade Positiva	.25	.07	
Expressão de L. Pessoais	.23	.07	
Iniciativa	.41	.09	.56
Bloco 3			
IPPApai	.014	.02	
IPPA mãe	-.054	.03	
IPPA amigos	.009	.03	.002
Bloco 4			
IPPApai	.003	.02	
IPPA mãe	.053	.03	
IPPA amigos	.049	.03	.003

Nota 1: a sigla IPPA faz referência às variáveis de vinculação. *Nota 2:* Nos blocos 1 e 3 são consideradas variáveis recolhidas no momento 1, enquanto que nos blocos 2 e 4 são consideradas variáveis recolhidas no momento 2.

No Bloco 1, tendo como variável dependente a *Expressão de Limitações Pessoais* (2º momento), pode constatar-se que as variáveis *Assertividade Positiva, Assertividade Negativa, Expressão de Limitações Pessoais* e *Iniciativa* (1º momento) explicam 36% da variância, sendo esta estatisticamente significativa, F(4, 176)= 24.22, p<.001 (Tabela 4).

As variáveis *Assertividade Positiva, Assertividade Negativa* e *Iniciativa* recolhidas no 2º momento, inseridas no Bloco 2, acrescem a variância explicada para os 57%, sendo esta variância estatisticamente significativa, (alteração r ²= .57; F (7, 176)=465.38, p<.001.

Nesta mudança as variáveis que se revelaram estatisticamente significativas foram: *Expressão de Limitações Pessoais* (1º momento) (B=.45; p<.001), *Assertividade Negativa* (2º momento) (B=.24; p=.002), *Iniciativa* (2º momento) (B=.54; p<.001) e *Assertividade Positiva* (2º momento) (B=.21; p=.008).

No Bloco 3, com a inserção das variáveis relativas à vinculação no 1º momento, estas não acrescem significativamente à variância explicada, (alteração r ²= .001; F= (10, 176)= 227, p=.52), tal como sucede no Bloco 4, onde foram introduzidas as variáveis do 2º momento relativas à vinculação, (alteração r ²= .002; F= (13, 176)= 178, p=.127).

Tabela 4. *Variável Expressão de Limitações Pessoais 2º momento como variável dependente.*

	B	Erro Padrão	R Square Change
Bloco 1			
Assertividade Positiva	-.16	.08	
Assertividade Negativa	.24	.08	
Expressão de L.	.45	.07	
Pessoais	-.16	.09	.36
Iniciativa			
Bloco 2			
Assertividade Negativa	.24	.08	
Iniciativa	.54	.09	
Assertividade Positiva	.21	.08	.57
Bloco 3			
IPPApai	-.047	.02	
IPPA mãe	.016	.03	
IPPA amigos	.013	.03	.001
Bloco 4			
IPPApai	.052	.02	
IPPA mãe	-.026	.03	
IPPA amigos	-.047	.03	.002

Nota 1: a sigla IPPA faz referência às variáveis de vinculação. *Nota 2:* Nos blocos 1 e 3 são consideradas variáveis recolhidas no momento 1, enquanto que nos blocos 2 e 4 são consideradas variáveis recolhidas no momento 2.

No Bloco 1, tendo como variável dependente a *Iniciativa* (2º momento), observou-se que as variáveis *Assertividade Positiva, Assertividade Negativa, Expressão de Limitações* Pessoais e *Iniciativa* do 1º momento explicam 33% da variância, sendo esta variância estatisticamente significativa, F (4, 176)= 20.67, p<.001 (Tabela 5).

As mesmas variáveis recolhidas no 2º momento acrescem a variância explicada para os 63%, sendo esta alteração estatisticamente significativa, (alteração r^2= .63; F (7, 176)= 701.35, p<.001. Nesta mudança todas as variáveis se revelaram estatisticamente significativas, excepto: *Assertividade Negativa* (1º momento) (B=-.074; p=.229).

No Bloco 3, as variáveis relativas à vinculação no 1º momento não acrescem significativamente à variância explicada (alteração r ²= .000; F= (10, 176)= .086, p=.97). O mesmo foi observado em relação às variáveis referentes à vinculação no 2º momento (Bloco 4, Tabela 5), (alteração r ²= .003; F= (13, 176)= 3.57, p=.015).

Tabela 5. *Variável Iniciativa 2º momento como variável dependente.*

	B	Erro Padrão	R Square Change
Bloco 1			
Assertividade Positiva	-.20	.06	
Assertividade Negativa	-.074	.06	
Expressão de L.	-.15	.06	
Pessoais	.40	.07	.33
Iniciativa			
Bloco 2			
Assertividade Positiva	.35	.06	
Assertividade Negativa	.29	.06	
Expressão de L.	.36	.06	.63
Pessoais			
Bloco 3	.037	.02	
IPPApai	-.052	.03	
IPPA mãe	-.016	.02	.000
IPPA amigos			
Bloco 4	-.053	.02	
IPPApai	.056	.03	
IPPA mãe	.040	.03	.003
IPPA amigos			

Nota 1: a sigla IPPA faz referência às variáveis de vinculação. *Nota 2:* Nos blocos 1 e 3 são consideradas variáveis recolhidas no momento 1, enquanto que nos blocos 2 e 4 são consideradas variáveis recolhidas no momento 2.

Tendo como variável dependente a *Assertividade Positiva* (2º momento), através do Bloco 1, pode constatar-se que as variáveis *Assertividade Positiva, Assertividade Negativa, Expressão de Limitações Pessoais* e *Iniciativa* do 1º momento explicam 29% da variância, sendo esta variância estatisticamente significativa, F(4, 176)= 17.76, p<.001 (Tabela 6).

As mesmas variáveis recolhidas no 2º momento acrescem a variância explicada para 63%, sendo esta alteração estatisticamente significativa, (alteração r ²=.63; F(7, 176)= 449.77, p<.001. Nesta mudança, todas as variáveis se revelaram estatisticamente significativas, excepto: *Expressão de Limitações Pessoais* (1º momento) (B=-.130; p=.098).

No Bloco 3, com a inserção das variáveis relativas à vinculação do 1º momento, estas não acresceram significativamente à variância explicada (alteração r ²= .000; F (10, 176)=.21, p=.89). O mesmo foi observado em relação às variáveis do 2º momento referentes à vinculação (Bloco 4), (alteração r ²= .004; F (13, 176)= 3.263, p=.023).

Tabela 6. *Variável Assertividade Positiva 2º momento como variável dependente.*

	B	Erro Padrão	R Square Change
Bloco 1			
Assertividade Negativa	-.22	.07	
Expressão de L.	-.13	.08	
Pessoais	-.18	.09	
Iniciativa	.49	.07	.29
Assertividade Positiva			
Bloco 2			
Assertividade Negativa	.26	.08	
Expressão de L.	.21	.08	
Pessoais	.56	.09	.63
Iniciativa			
Bloco 3	-.027	.02	
IPPApai	.097	.03	
IPPA mãe	.00	.03	.000
IPPA amigos			
Bloco 4	.035	.02	
IPPApai	-.092	.03	
IPPA mãe	-.027	.03	.004
IPPA amigos			

Nota 1: a sigla IPPA faz referência às variáveis de vinculação. *Nota 2:* Nos blocos 1 e 3 são consideradas variáveis recolhidas no momento 1, enquanto que nos blocos 2 e 4 são consideradas variáveis recolhidas no momento 2.

Discussão de Resultados

O principal objetivo deste estudo foi estudar o impacto da vinculação aos pais e pares sobre os comportamentos assertivos em adolescentes ao longo de um período de quatro meses. Visou ainda o estudo da estabilidade da qualidade da vinculação aos pares e pais e do poder preditivo da vinculação dessas figuras significativas sobre a assertividade praticada em vários contextos ao longo desse período de tempo, uma vez que a assertividade tem sido associada aos estilos de vinculação na infância e que as vinculações precoces de qualidade podem estar relacionadas com diferentes padrões de organização comportamental (Sroufe e Waters, 1977).

Relativamente a estes objetivos de estudo, verificou-se que as variáveis revelaram estabilidade temporal na qualidade da vinculação às figuras significativas, o que pode ser verificado através dos testes de comparação de médias dos dois momentos, sendo que estas se revelaram semelhantes. Estes resultados eram expectáveis, uma vez que o padrão de vinculação estabelecido na infância tende a perdurar até à idade adulta (Vaz, 2011). Quanto à estabilidade da assertividade, a sua prática é sustentada com base em esquemas cognitivos interpessoais que se esperam que na adolescência sejam estáveis.

Ainda, os resultados obtidos revelaram que poder preditivo da vinculação a figuras significativas sobre a prática da assertividade não foi estatisticamente significativo, enquanto que as variáveis referentes à assertividade demonstraram um acréscimo significativo na explicação da variância na prática de assertividade. Estes resultados vão na direcção oposta dos estudos realizados até agora (Faria, 2008; Parke & Buriel, 2008; Nunes & Mota, 2017) e do que era expectável encontrar neste estudo.

A explicação para estes pode residir no facto de que os adolescentes nesta etapa desenvolvimental apresentam uma necessidade de autonomia e de dependência

simultaneamente, sendo as relações pais-adolescentes pautadas pela procura de harmonia entre estas duas necessidades contraditórias (Schwartz & Buboltz, 2004). Simultaneamente, os resultados parecem, portanto, indicar que a assertividade poderá por si só, prever assertividade, sendo o comportamento assertivo um produto derivado de consequências reforçadoras para o sujeito que age, bem como para o grupo com o qual interage (Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010).

No que diz respeito à prática e manutenção da assertividade, esta ocorre por duas vias, sendo elas: cognitiva e comportamental. De acordo com a via cognitiva, a assertividade tem sido proposta como associada a esquemas interpessoais referentes ao sujeito e aos outros, bem como às trocas interpessoais resultantes de situações sociais anteriores semelhantes (Vagos & Pereira, 2016). Estes esquemas são estáveis no tempo e mantidos por ciclos interpessoais autossustentados, pelo que ao fundamentarem a assertividade, poderão sustentar que a assertividade se mantenha a si própria.

A perspetiva comportamental acredita que o comportamento assertivo produz consequências reforçadoras diversas, bem como aprovação social ou evitamento da desaprovação social (Marchezini-Cunha & Tourinho, 2010), sendo a prática de assertividade geradora de maiores recompensas sociais e de reacções interpessoais mais favoráveis do que outro estilo de comunicação (Rakus, 1991). Assim, os fatores promotores da assertividade na adolescência podem estar mais relacionados com questões intrapessoais (como os esquemas interpessoais) do que com questões interpessoais (como a vinculação).

Ainda que as variáveis de vinculação não tenham apresentado uma variância estatisticamente significativa na prática da assertividade, seria relevante continuar a estudar a vinculação enquanto fator etiológico da assertividade, uma vez que são escassos os estudos que relacionam diretamente a vinculação com a prática de

assertividade, bem como o facto de o presente estudo apresentar limitações que podem ter condicionado os resultados obtidos.

Este estudo apresenta algumas limitações, estando algumas relacionadas com os instrumentos utilizados, sendo que os resultados obtidos devem ser interpretados consoante a qualidade desses mesmos instrumentos que permitiram a recolha de dados.

Os instrumentos utilizados (à excepção do questionário sociodemográfico) são medidas de auto-relato, compostos por várias questões que foram respondidas pelos participantes. As medidas de auto-relato são passíveis de limitações, dado que o auto-conhecimento de cada sujeito apresenta variações, ou seja, alguns sujeitos apresentam um conhecimento de si próprios mais elaborado do que outros, e consequentemente o auto-conhecimento e a auto-consciência são tidos como variáveis moderadoras (Wymer & Penner, 1985) das suas respostas.

Ainda, o *Inventário de Vinculação na Adolescência* revelou bons índices de consistência interna, enquanto que a *Escala de Comportamento Interpessoal- Versão Reduzida* revelou índices de consistência interna que foram considerados aceitáveis, sendo que seria expectável que estes fossem mais elevados, tal como obtidos no estudo de validação da versão reduzida desta mesma escala para a língua portuguesa (Vagos, Pereira, & Arrindell, 2014), uma vez que estes índices são referentes à confiabilidade do instrumento, ou seja, à sua capacidade para medir fenómenos e constância dos resultados (Martins, 2006).

Relativamente à amostra deste estudo, esta é amplamente diversificada e heterogénea, constituída por participantes com idades bastante discrepantes entre si e com uma distribuição desigual de participantes por sexo. Tendo em conta esta desigualdade, gera-se a questão a partir de que idade nos tornamos assertivos e se existem diferenças ao nível da prática da assertividade em diferentes faixas etárias,

podendo esta temática ser estudada futuramente. De acordo com alguns estudos, existe uma tendência para o aumento da frequência da prática de assertividade com a idade, sendo que o adolescente vai respondendo de forma adequada a diferentes situações sociais (Vagos, Pereira, & Arrindell, 2014; Silva, 2004). Também as dimensões que o *IPPA* avalia podem ser diferentemente valorizadas pelos participantes consoante a sua idade e género (Machado & Oliveira, 2007). Outros estudos revelaram diferenças ao nível do género na prática da assertividade, sendo que as mulheres apresentam um comportamento assertivo mais frequente e níveis mais elevados de desconforto (Vagos & Pereira, 2010), enquanto que os homens revelam menor desconforto na expressão de sentimentos positivos e negativos e na tomada de iniciativa (Nota, Arrindell, Soresi, van der Ende, & Sanavio, 2011). Estas diferenças ao nível do género podem estar associadas a diferenças na vinculação e às figuras significativas, sendo que diferentes relações de vinculação influenciam diferentes domínios do desenvolvimento (Verschueren & Marcoen, 1999), estando a relação com o pai mais ligada à interacção e competência com os pares (Booth LaForce & Kerns, 2009). Dado que este estudo não objetivou estudar as diferenças de género na prática da assertividade, estudar as mesmas futuramente seria pertinente.

Posto isto, este estudo fornece a sua colaboração para a literatura existente sobre a prática de assertividade na adolescência. Ainda que não tenham sido obtidos resultados significativos relativamente à predição da vinculação aos pais e pares na prática da assertividade, o presente estudo viabiliza dados empíricos sobre a assertividade enquanto preditora da sua própria prática, sendo este o seu principal contributo.

Como implicações práticas do estudo, ressalta-se a importância da prática de comportamentos assertivos de forma a reforçar e a manter a assertividade. De acordo

com a literatura, o défice assertivo parece associar-se à presença de perturbações emocionais e comportamentais (Spence, 2003), enfraquecimento de trocas interpessoais (Paterson, 2000) e inadaptação social (Borja, 1990). Por sua vez, a assertividade associa-se a melhores indicadores de saúde mental, derivados de relações interpessoais mais satisfatórias, sensação de estabilidade emocional, sentimento de pertença, de segurança e de afeto positivo (Aloia & Solomon, 2015).

Dada a importância da assertividade, torna-se uma necessidade premente a promoção de estratégias assertivas, tal como a implementação do treino assertivo, sendo este um auxiliar na intervenção de problemáticas comportamentais e emocionais (Spence, 2003).

Em suma, este estudo sugere que a assertividade é a sua principal preditora, ao propor que os sujeitos necessitam de exercer comportamentos assertivos, de forma a estabelecer um ciclo contínuo de comportamento-resposta, no qual os sujeitos ao praticarem assertividade irão obter respostas satisfatórias nas suas trocas interpessoais, que por sua vez, reforçará a assertividade.

Referências Bibliográficas

Agarwal, S., & Poojitha, S. (2017). Parent and peer attachment and assertiveness in college students. *The International Journal of Indian Psychology*, *4*, 139-150.

Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Aloia, L. S., & Solomon, D. H. (2015). Attachment, mental health, and verbal aggressiveness in personal relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, *24.*

Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Mother, father, and peer attachment (revised edition). University of Washington.

Arrindell, W. A., & Ende, J. van der (1985). Cross-sample invariance of the structure if the self-reported distress and difficulty in assertiveness. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, *7*, 205-243.

Arrindell, W. A., Sanderman, R., & Ranchor, A. (1990). The scale for interpersonal behaviour and the Wolpe-Lazarus assertiveness scale: A correlational comparison in a non clinical sample. *Personality and Individual Differences*, *11*, 509-513

Assunção, R., & Matos, P. M. (2010). *A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Minho: Universidade do Minho.

Azais, F., Granger, B., Debray, Q., & Ducroix, C. (1999). Cognitive and emotional approach to assertiveness. *Enchephale, 25,* 353-357.

Azevedo, L. (1996). *Comunicar com assertividade*. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Bennett, K. S., & Hay, D. A. (2007). The role of family in the development of social skills in children with physical disabilities. *International Journal of Disability, Development and Education*, *54*, 381-397.

Berndt, T. J. (1996). Transitions in friendship and friends' influence. In J. A. Graber, J.Brooks-Gunn, & A. C. Petersen (Eds.), *Transitions through adolescence - Interpersonal domains and context* (57-84). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1990). Distinctive feature and effects of early adolescent friendship's. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullota (eds.), *From childhood to adolescence: A transitional period?* (269-287). California: Sage.

Booth-LaForce, C., & Kerns, K. A. (2009). Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer-group functioning. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (490-507). New York: Guilford Press.

Borja, A. M. (1990). Relaciones entre asertividad y estilos cognitivos. *Psicologia*, *8*.

Bortolini, M. (2012). O desenvolvimento da habilidade de assertividade e a convivência na escola: Relato de experiência. *Psicologia em Revista*, *18*, 373-388.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development.* London: Basic Books.

Bruch, M. A., Kaflowitz, N. G., & Berger, P. (1988). Self-schema for assertiveness. Extending the validity of self-schema construct. *Journal of Research in Personality*, *22*, 424-444.

Buhrmester, D. (1996). Need fulfillment, interpersonal competence, and the developmental contexts of early adolescent friendship. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (158-183). Cambridge: Cambridge University Press.

Caballo, V. E. (1998). El entrenamiento en habilidades sociales. In V. Caballo, *Manual de técnicas de terapia y modificación de conducta* (403-471). Madrid: Siglo XXI.

Carreiro, F. T. C. (2014). *Vinculação aos pais e pares e regulação das emoções em jovens adultos angolanos*. Tese de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Castanyer, O. (2005). *Assertividade- Expressão de uma auto-estima saudável*. Coimbra, Portugal: Edições Tenacitas.

Colin, V. (1996). *Human attachment*. New York: McGraw-Hill Company.

Costa, A. M. G. (2009). *Inteligência emocional e assertividade nos enfermeiros*. Tese de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. (1999). *Psicologia das habilidades sociais- Terapia e educação*. Rio de Janeiro, Brasil: Vozes Editora.

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, *9*, 125-136.

Detry, B., & Castro, M. L. F. (1996). A escala de assertividade de Rathus: Versão portuguesa. In L. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalvez, C. Machado, & M. Simões (Eds.), *Avaliação psicológica- Formas e contextos* (Vol. 4, 357-363). Braga: APPORT.

Easterbrooks, M. A., & Lamb, M. (1979). The relationship between quality of infant-mother competence in initial encounter with peers. *Child Development*, *50*, 380-387.

Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental atttachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology*, *48*, 428-439.

Erwin, E. (2002). Adolescent perceptions of relevant social problems. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nurse*, *15*, 24-34.

Eskin, M. (2003). Self-reported assertiveness in Swedish and Turkish adolescents: A cross-cultural comparison. *Scandinavian Journal of Psychology*, *34*, 276-281.

Faria, C. M. G. M. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

Feitosa, F. B., Matos, M. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2009). Desempenho académico e interpessoal em adolescentes portugueses. *Psicologia em Estudo*, *14*, 259-266.

Hartup, W. (1996). The company the keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, *67*, 1-13.

Jardim, J., & Pereira, A. (2006). Assertividade. In J. Jardim & A. Pereira (Eds.), *Competências pessoais e sociais- Guia prático para a mudança positiva* (105-118). Porto: Asa Editores.

Kanning, U. (2006). Development and validation of a german-language version of the interpersonal competence questionaire (ICQ). *European Journal of Psychological Assessment*, *22,*43-51.

Kenny, M. E. (1994). Quality and correlates of parental attachment among late adolescents. *Journal of Counseling and Development, 72*, 399-403.

Landazabal, M. G. (2006). Psychopatological symptons, social skills and personality traits: A study with adolescents. *The Spanish Journal of Psychology*, *9*, 182-192.

Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C.Fonseca (Eds.). *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta* (291-321). Coimbra: Almedina.

Machado, T.S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 5-28.

Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: Retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura, 13*, 139-156.

Machado, T.S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, *6*, 97-115.

Madureira, P. M. P.S. (2011). *A qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o fenómeno de retraimento social em pré-adolescentes*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: Interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*, 295-304.

Martins, G. A. (2006). Sobre confiabilidade e validade. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, *8*, 1-12.

Martins, V. (2005). *Seja assertivo - Como ser directo, objectivo e fazer o que tem de ser feito: Como construir relacionamentos saudáveis usando a assertividade*. Rio de Janeiro, Brasil: Elsevier.

Moore, K. K., Hudson, E. E., & Smith, B. F. (2007). The relationship between assertiveness and social anxiety in college students. *Undergraduate Research Journal of the Human Sciences*, *6*.

Morais, A. R. V. (2006). *Assertividade, resiliência e intenções comportamentais nos jovens*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspetiva de vinculação. *Psicologia e Sociedade*, *20*, 367-377.

Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, *2*, 245-254.

Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, *22*, 127-152.

Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário de vinculação na adolescência-I.P.P.A. In

M. Simões, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. 2, 38-48). Braga: APPORT/SHO.

Noftle, E. E., & Shaver, P. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative abilitiy to predict relationships quality. *Journal of Research on Personality*, *40*, 170-208.

Nota, L., Arrindell, W. A., Soresi, S., van der Ende, J., & Sanavio, E. (2011). Cross-cultural validity of the scale interpersonal behavior. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, *23*, 39-44.

Nunes, F., & Mota, C. P. (2017). Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *69*, 52-65.

Park, H. S., & Yang, Y. O. (2006). A concept analysis of assertiveness. *Taehan Kanho Hakhoe Chi*, *30*, 468.

Parke, R. D., & Buriel, R. (2008). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, R. M. Lerner, R. S. Siegler, & N. Eisenberg (Eds.), *Child and adolescent development: An advanced course* (95-128). New Jersey: John Wiley e Sons.

Paterson, R. J. (2000). *The assertiveness workbook*. Oakland, CA: New Harbinger Publications.

Rakus, R. (1991). *Assertive behavior- Theory, research and training*. Londres, Inglaterra: Routledge.

Ribeiro, J. L. P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação de vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, *1*, 67-75.

Rice, K. G. (1990). Attachment in adolescence: A narrative and a meta-analytic review. *Journal of Youth and Adolescence*, *19*, 511-538.

Santos, A. M. A. (2015). *O adolescente assertivo e agressivo: Caracterização psicossocial.* Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Santos, J. F. N. (2016). *Estudo da relação entre padrões de vinculação, compulsão sexual e vergonha sexual*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Schneider, B. H., & Younger, A. J. (1995). Adolescent-parent attachment and adolescents's relations with their peers- A closer look. *Youth and Society*, *28*, 95-108.

Schwartz, J. P., & Buboltz, W. C. (2004). The relationship between attachment to parents and psychological separation in college students. *Journal of College Student Development*, 45, 566- 577.

Scott, S., Briskman, J., Woolgar, M., Humayun, S., & O'Connor, T. G. (2011). Attachment in adolescence: Overlap with parenting and unique prediction of behavioural adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *52*, 1052-1062.

Silva, A. I. M. (2001). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes.* Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais*. Lisboa, Portugal: Climepsi Editores. Spence, S. H. (2003). Social skills training with children and young people: Theory, evidence and practice. Child and Adolescent Mental Health, 8, 84-96.

Sroufe, L. A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: The roots of maladaptation and competence. In M. Perlmutter (Ed.), *Minnesota symposium on child* (Vol. 16). New Jersey: Erlbaum.

Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational perspective. *Child Development*, *48*, 1184-1199.

Vagos, P. (2006). Assertividade e comportamento assertivo: A gestão do eu, tu, nós. d@es-LEIES- *Laboratório de Estudos e Intervenção no Ensino Superior*.

Vagos, P. E. R. M. (2010). *Ansiedade social e assertividade na adolescência*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Vagos, P., & Pereira, A. (2009). Qualitative analysis on the concept of assertiveness. In K. A. Fanti (Ed.), *Applying psychological research to understand and promote the wellbeing of clinical and non-clinical populations* (99–112). Athens, Greece: Atiner.

Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, *8*, 37-49.

Vagos, P., & Pereira, A. (2010). A proposal for evaluating cognition in assertiveness. *Psychological Assessment*, *22*, 657-665.

Vagos, P., Pereira, A., & Arrindell, W. (2014). Validação da versão reduzida da Escala de Comportamento Interpessoal para adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *27*, 452-461.

Vagos, P., & Pereira, A. (2016). A cognitive perspective for understanding and training assertiveness. *European Psychologist*, *21*, 109-121.

Vaz, M. S. S. F. (2011). *Vinculação à mãe, ao pai e ao grupo de pares e sua relação com a delinquência juvenil*. Tese de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Verschueren, K. & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, *70*, 183-201.

Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2007). Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. *Psicologia Clínica*, *19*, 101-116.

Wagner, M. F., & Oliveira, M. S. (2009). Estudo das habilidades sociais em adolescentes usuários de maconha. *Psicologia em Estudo*, *14*, 101-110.

Watanabe, A. (2006). Theoretical review of assertiveness inventories: Issues in the measurement of four theoretical dimensions. *Japanese Journal of Educational Psychology*, *54*, 420-433.

Waters, E., & Cummings, M. (2000). A secure base from which to explore relationships. *Child Development*, *71*, 164-172.

Waters, E., Wippman, J., & Sroufe, L. A. (1979). Attachment, positive affect, and competence in the peer group: Two studies in construct validation. *Child Development*, *50*, 821-829.

West, M., Rose, M., Spreng, S., Sheldon-Keller, A., & Adam, K. (1998). Adolescent Attachement Questionnaire: A brief assessment of attachement in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *27*, 661-673.

Wymer, W. E., & Penner, L. A. (1985). Moderator variables and different types of predictability: Do you have a match? *Journal of Personality and Social Psychology*, *49*, 1002-1015.

Young, J., Klosko, J., & Weishaar, M. (2003). *Schema therapy - A practioner's guide*. New York: The Guilford Press.

Anexos

Anexo 1. *Medidas de assimetria e curtose e testes de normalidade para as variáveis em estudo*.

	Momento1		Momento2	
	Assimetria	Curtose	Assimetria	Curtose
Assertividade Positiva	-.351	.80	.066	.453
Assertividade Negativa	-.277	.288	.101	.049
Iniciativa	-.302	.725	.133	.540
Expressão de L. Pessoais	-.244	.595	.278	.656
Vinculação à Mãe	-.873	.117	-.731	-.151
Vinculação ao Pai	-.535	-.483	-.473	-.597
Vinculação aos Amigos	-.880	.517	-.665	.418